

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
**Instituto de Letras**  
Bacharelado em Letras – Tradução Português e Espanhol

Cláudia Xavier Faria

**Nas sombras do patriarcado ditatorial: Uma análise das personagens femininas na obra “De amor y de sombra”, de Isabel Allende**

Porto Alegre  
2023

Cláudia Xavier Faria

**Nas sombras do patriarcado ditatorial: Uma análise das personagens femininas na obra “De amor y de sombra”, de Isabel Allende**

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Letras

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karina de Castilhos Lucena

Porto Alegre  
2023

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Karina de Castilhos Lucena,  
Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cinara Ferreira,  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Profa. Dra. Liliam Ramos da Silva,  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho é dedicado à memória de minha avó, Maria do Horto Xavier, um exemplo de mulher forte, que superou adversidades e construiu para si uma história tão bonita que poderia ter sido escrita por Isabel Allende.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a duas professoras do Instituto de Letras que marcaram a minha trajetória acadêmica, as professoras Solange Mittmanne Cleci Bevilacqua. À Solange, pelas inúmeras oportunidades que me deu ao longo dos anos da graduação e por me tornar uma pesquisadora, me introduzindo neste mundo tão curioso da investigação científica. À Cleci, por fazer com que eu desenvolvesse as minhas habilidades de tradutora em sala de aula, e por me fazer evoluir como parte de uma equipe, praticando a empatia que todo bom tradutor (e pessoa) deve trazer consigo.

Ao mencionar o trabalho em equipe, é um prazer mencionar agora os meus queridos colegas e amigos Alexia, Ana Letícia, Iago e Stephanie, ao lado de vocês eu cresci como profissional e também como pessoa, e só tenho a agradecer todos os momentos e memórias que eu levarei comigo no restante da minha trajetória.

Aos meus pais: minha mãe, Paula, e meu pai, Luiz, por todo o apoio recebido na minha vida, e por me ensinarem a amar a literatura. À minha irmã, Beatriz, pelo carinho e amizade. Também gostaria de mencionar o meu avô, Milton, que sempre zelou pelos meus estudos e o meu bem-estar.

Finalmente, gostaria de agradecer à minha grande orientadora, Karina, que me permitiu expandir os meus horizontes e fez com que eu desse o meu melhor neste final de curso. Espero que este seja o primeiro de muitos projetos.

A todos, o meu sincero reconhecimento e todo o meu carinho.

El patriarcado es pétreo. El feminismo, como el océano, es fluido, poderoso, profundo y tiene la complejidad infinita de la vida, se mueve en olas, corrientes, mareas y, a veces en tormentas furiosas.  
(Isabel Allende)

## RESUMO

Neste trabalho, faço uma análise das personagens femininas mais marcantes da obra *De amor y de sombra*, de Isabel Allende, de forma a abordar como estas personagens refletem questões feministas da época da ditadura chilena. Para tanto, faço primeiramente uma descrição do contexto histórico do golpe de 73, além de uma análise da cena literária latino-americana e da cena literária feminina em seu princípio. Depois aponto questões acerca do papel da mulher na ditadura chilena e sobre o movimento feminista chileno da época ditatorial e de transição. Além disso, retrato a vida de Isabel Allende, e sua relação com o Chile e com o feminismo. Depois disso, apresento a obra e as personagens: Irene Beltrán, Beatriz Alcántara, Hilda Leal e Digna Ranquileo. Minha proposta é analisar as personagens e apontar como elas representam questões relacionadas ao feminismo chileno durante a época da ditadura militar no país.

**Palavras-chave:** Isabel Allende; *De amor y de sombra*; ditadura chilena; feminismo.

## Resumen

En este trabajo, analizo a los personajes femeninos más marcantes de la obra *De amor y de sombra*, de Isabel Allende, de manera a abordar como estos personajes reflejan cuestiones feministas de la época de la dictadura chilena. Para eso, primeramente presento una descripción del contexto histórico del golpe de 73, además de un análisis de la escena literaria latinoamericana e de la escena literaria femenina en su principio. Después apunto cuestiones acerca del papel de la mujer en la dictadura chilena y sobre el movimiento feminista chileno de la época dictatorial y de transición. Además, retrato la vida de Isabel Allende, y su relación con Chile y el feminismo. Después, presento la obra y a los personajes: Irene Beltrán, Beatriz Alcántara, Hilda Leal y Digna Ranquileo. Mi propuesta es analizar a los personajes y apuntar como representan cuestiones relacionadas al feminismo chileno durante la época de la dictadura militar en el país.

**Palabras clave:** Isabel Allende; *De amor y de sombra*; dictadura chilena; feminismo.

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b> .....	10
<b>2 Contextualização</b> .....	11
2.1 O cenário histórico-cultural.....	11
2.2 A produção literária durante o período ditatorial e de transição.....	15
2.3 O pioneirismo da escrita feminina.....	17
<b>3. O feminismo e o papel das mulheres no regime militar</b> .....	19
3.1 O papel das mulheres na sociedade ditatorial.....	19
3.2 O movimento feminista na ditadura.....	21
<b>4. Sobre a autora</b> .....	24
4.1 Vida.....	24
4.2 Isabel Allende e a representação do Chile.....	25
4.3 Isabel Allende e o feminismo.....	27
<b>5. A obra <i>De amor y de sombra</i></b> .....	30
5.1 Enredo.....	30
5.2 Personagens principais: Irene Beltrán e Francisco Leal.....	30
5.2.1 As características de Irene.....	31
5.2.2 A trajetória de Irene: mudanças de posicionamento.....	33
5.3 Personagens secundárias.....	36
5.3.1 Beatriz Alcántara.....	36
5.3.2 Hilda Leal.....	39
5.3.3 Digna Ranquileo.....	42
<b>6. Conclusão</b> .....	46
<b>7. Referências</b> .....	50

## 1. Introdução

A obra *De amor y de sombra* é de suma importância para a minha formação como bacharela em letras, pois foi a primeira obra que li em língua espanhola. O livro foi um presente da minha mãe, e mais tarde descobri que esta obra também foi lida pela minha avó. É um livro que demonstra o talento e a visão única de Isabel Allende, um dos grandes nomes da literatura latino-americana, e uma autora que escreve com uma sensibilidade sem igual. Também acredito que os temas “ditadura” e “feminismo” geram discussões importantíssimas até hoje, e as obras de Allende são muito relevantes em escala global. Assim, imagino que a análise a qual me proponho é essencial nos dias atuais, uma vez que ainda lidamos com as consequências dos tempos ditatoriais na América Latina, e com a misoginia que sempre foi a regra no mundo em que vivemos.

O objetivo deste projeto é analisar como as personagens femininas da obra *De amor y de sombra* representam questões feministas do período ditatorial e de transição. Para isso, li a obra *De amor y de sombra*, e a sua tradução para o português feita por Suely Barros, e recortei trechos da obra traduzida para realizar as discussões aqui contidas. No momento de análise dessas personagens, faremos uso de textos teóricos, principalmente da obra de Julieta Kirkwood, para apontar as questões que são postas em discussão através das personagens.

Para realizar a discussão aqui proposta, foi necessário primeiro posicionar o romance em um contexto histórico-social, apresentando um pouco da história do Chile dos anos de repressão ditatorial e do panorama da literatura durante a ditadura e o período de transição, e da literatura feminina. Também discutimos acerca do movimento feminista chileno da época e tratamos do papel da mulher propagado pela ditadura. Depois foi necessário determinar o local de fala da autora dentro desse contexto, comentando a respeito da vida de Isabel Allende, sua ideologia feminista, e apresentando informações a respeito da obra em questão, principalmente o seu enredo e a descrição das personagens que serão analisadas neste projeto.

## 2. Contextualização

### 2.1 O cenário histórico-social

Antes do golpe de 1973, o Chile tinha como presidente Salvador Allende, que estava governando o país com um programa socialista, investindo em um projeto de reforma agrária e de nacionalização de empresas que antes eram privadas/estrangeiras. Esse processo gerou a desaprovação da parte da elite chilena e dos investidores estrangeiros, principalmente os Estados Unidos, gerando conflitos internos no país. Foi a partir deste cenário que a junta militar decidiu arquitetar o golpe de 1973 através do bombardeamento do Palacio La Moneda e da imposição de um governo ditatorial comandado por Augusto Pinochet, que duraria 17 anos.

Desde o momento inicial em que o golpe foi imposto aos chilenos, houve uma separação entre os supostos “cidadãos de bem” e os subversivos. A guerra ideológica que se travava vitimava aqueles que não estavam de acordo com o fim da democracia. Os militares foram rápidos em chamar os cidadãos que iam contra o totalitarismo de inimigos, e a represália que eles impuseram aos chilenos foi brutal.

O corpo não só se tornou uma manifestação dos limites estabelecidos pelos militares como um meio para a punição. Foram inúmeros os crimes cometidos pelos militares que agrediam os opositores física e psicologicamente. O flagelo do corpo se tornou marca registrada do novo regime antidemocrático. Como menciona Eltit:

O ataque à diferença foi múltiplo e incessante. A cisão entre um nós e os outros, puros e impuros, patriotas e extremistas deu início ao monótono e sustentado binarismo mediante o qual se regimentaram os corpos. O corpo, como foco político, se converteu em um trágico território exemplar de disciplinação. Modelo que se fez primordial através da tortura, o crime e o desaparecimento. (ELTIT, 1997, p.2, tradução nossa)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> No original: “El ataque a la diferencia fue múltiple e incesante. La escisión entre un nosotros y los otros, puros e impuros, patriotas y extremistas dio inicio al monótono y sostenido binarismo mediante el cual se regimentaron los cuerpos. El cuerpo, como foco político, se convirtió en un trágico territorio modélico de disciplinamiento. Modelo que se hizo primordial a través de la tortura, el crimen y la desaparición.” (ELTIT, 1997, p.2)

Outra determinação que ocorreu quase instantaneamente ao estabelecimento do golpe militar foi a divisão de espaços entre público e privado. As ruas não eram mais seguras e não pertenciam mais aos cidadãos chilenos. As casas eram o único ambiente onde havia mais segurança, e mesmo assim durante aquele 11 de setembro muitas pessoas foram mortas vítimas de balas perdidas dentro de seus próprios lares. O toque de recolher foi implementado e a livre circulação de pessoas nas ruas e espaços antes públicos não era mais parte da nova realidade autoritária no Chile. Segundo Eltit:

O Estado de sitio abria uma nova cisão que, ao longo de 17 anos, ia se manter com distintos rigores, dividindo, reterritorializando os espaços ao separar, de maneira radical, a habitação dos corpos entre o público e o privado, entre o dentro e o fora, entre a segurança e o perigo. (ELTIT, 1997, p.4, tradução nossa)<sup>2</sup>

Naquele 11 de setembro foi estabelecida a presença dos militares nas ruas, ameaçando aqueles que não se adequassem ao sistema e impedindo os cidadãos comuns de ir e vir em um âmbito que um dia foi de domínio público. O patriotismo se tornou a nova regra, e através dele os militares cometiam crimes violentos. Uma nova moral foi imposta aos cidadãos chilenos, e quem não se adaptasse estaria contra o país, a família e os supostos bons costumes, e seria visto e tratado como inimigo de Estado. O cenário do dia 11 de setembro era intimidador e agressivo, e acabaria por representar de maneira expressiva o que seria um regime ditatorial dos mais violentos da América Latina. Eltit afirma:

O cenário do 11 de setembro foi, especialmente, uma cenografia ornamentada, tiznada, travestida de valores patrióticos que, na realidade, só buscava a implantação de um capitalismo radical, camuflado por trás de discursos estereotipados que nomeavam sem cessar a pátria, a ordem e a integridade da família chilena enquanto se estendiam, clandestinos, os espaços da reclusão e a demissão em massa de trabalhadores não agregados ao sistema (ELTIT, 1997, p.6, tradução nossa)<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> No original: "El Estado de sitio abría una nueva escisión que, a lo largo de 17 años, se iba a mantener con distintos rigores, dividiendo, reterritorializando los espacios al separar, de manera radical, la habitación de los cuerpos entre lo público y lo privado, entre el adentro y el afuera, entre la seguridad y el peligro." (ELTIT, 1997, p.4)

<sup>3</sup> No original: "El escenario del 11 de Septiembre fue, especialmente, una escenografía ornamentada, tiznada, travestida de valores patrióticos que, en realidad, sólo buscaba la implantación de un capitalismo radical, camuflado detrás de discursos estereotipados que nombraban sin cesar la patria, el orden y a la integridad de la familia chilena mientras se

Durante o período ditatorial, o plano de governo que entrou em vigor foi um plano de viés econômico e social neoliberal. Diferentemente do projeto de Allende, o governo antidemocrático neoliberal gerava privatizações em inúmeros setores antes controlados pelo Estado e impunha aos cidadãos uma mentalidade consumista e falta de segurança previdenciária. Setores como educação e saúde também sofreram as consequências da adoção de um regime focado no setor privado e não no investimento às necessidades do povo. Como afirma Casals, o neoliberalismo também serviu como base econômica para suporte de um sistema autoritário:

A história desse modelo é bem conhecida: os chamados Chicago Boys, um grupo de economistas que segue a escola neoclássica, haviam convencido a ditadura a reformar a economia a favor das grandes corporações. Pinochet e os militares implementaram a rápida privatização da educação, da previdência social e da saúde. Ao privatizar dezenas de estatais, o governo criou uma nova oligarquia e construiu uma base de apoio importante para o autoritarismo. (CASALS, 2022, s/p)

Outro motivo para a adesão dos militares ao neoliberalismo foi a necessidade de combater o modelo socialista de governo. Eles queriam acabar com todo e qualquer traço de uma ideologia defendida por Allende e seus aliados, de maneira que não houvesse oposição organizada ao regime. Para tanto, ocorreu a imposição de um modelo econômico que não só transformaria e comprometeria as instituições chilenas por anos, mas também acabaria por mudar a forma como os seus cidadãos lidariam com a economia e gerariam uma nova mentalidade de consumo nos chilenos. Recorrendo novamente a Casals:

A junta militar desejava eliminar a possibilidade de que um novo projeto revolucionário e anticapitalista, à semelhança do liderado por Salvador Allende, transformasse radicalmente as instituições econômicas e políticas, e até mesmo os corações e as mentes dos chilenos. (CASALS, 2022, s/p)

Os cidadãos chilenos eram distraídos pela nova realidade neoliberal que trazia consigo o modo consumista de viver. A aquisição mais acessível de bens

---

extendían, clandestinos, los espacios de la reclusión y el despido masivo de trabajadores no adictos al sistema” (ELTIT, 1997, p.6)

materiais graças à nova disponibilidade de crédito alienava os lares chilenos e dava a impressão para muitos que as condições de vida estavam melhorando. A mentalidade do consumismo durante a ditadura chilena era um meio de manutenção do sistema.

Uma parte importante da implementação de um novo regime e uma nova vertente econômica no país foi o estabelecimento de uma nova Constituição, nos moldes ditatoriais. Esta nova Constituição foi criada por Pinochet e seus apoiadores e até hoje segue em vigor no Chile, depois da recente tentativa falha de substituição dessa Constituição por outra em 2022, durante o governo de Gabriel Boric.

A criação da Constituição de Pinochet nos moldes da ditadura neoliberal fez com que as relações sociais, políticas e econômicas no Chile sofressem fortes mudanças. Este documento determinava a concentração de poderes governamentais nas mãos do ditador e seus aliados da junta militar e acabava por dificultar a organização de uma oposição ao regime. A forma como ela foi aprovada e as determinações nela contidas expressavam o começo de um período de totalitarismo sem precedentes. Sobre o processo de implementação da Constituição de Pinochet, Casals afirma:

Depois de modificar o documento para concentrar e expandir o poder do regime, Pinochet o ratificou por meio de um plebiscito sem eleitores registrados – as listas eleitorais haviam sido destruídas pela ditadura – e sem que houvesse uma oposição consentida. (CASALS, 2022, s/p)

O governo ditatorial chileno conseguiu sua ascensão sob a promessa de melhores condições de vida e o combate ao comunismo, ideologia temida pela classe média conservadora. Mas a verdade é que as forças armadas chilenas passaram a ver os cidadãos comuns como inimigos a serem combatidos, aumentando a violência, a repressão, e dividindo o país. Tanto a violência física quanto a moral foram usadas naqueles categorizados como “subversivos”, e estes não podiam recorrer à justiça para se defender. Com relação à economia, foi implementado o neoliberalismo, que distraía os chilenos da dura realidade que viviam e dava a ilusão de uma melhor qualidade de vida.

A falta de liberdade e o perigo da represália afetaram a vida de inúmeros chilenos, uma vez que a ditadura no Chile acabaria por tornar milhares deles

mortos e desaparecidos, e condenar ao exílio muitos outros, na tentativa de reprimir o poder popular. Em 1990, o governo antidemocrático é finalmente derrubado, e o Chile volta a ser um Estado democrático. Mas a transição do modo de governar da ditadura para uma democracia completa tardaria em chegar, inclusive algumas sequelas do regime antidemocrático podem ser percebidas até hoje no país, tais como a permanência do regime neoliberal no país, a ausência do sindicalismo e a perda dos direitos trabalhistas.

## 2.2 A produção literária durante o período ditatorial e de transição

As ditaduras da América Latina foram registradas pelos romancistas latino-americanos durante as décadas de 70 a 90. Nessa época a literatura latino-americana estava sob os holofotes. Havia uma necessidade muito grande de escrever e relatar o que estava ocorrendo, logo os relatos sobre os anos de regime militar se tornaram não só uma tendência como uma necessidade. Foram publicadas diversas obras que traçavam um perfil dos ditadores e que se tornaram muito reconhecidas e, de certa forma, contraditórias, tais como os chamados romances de ditador *Yo El Supremo* (1974) de Augusto Roa Bastos, *El otoño del patriarca* (1975), de Gabriel García Márquez, e *El recurso del método* (1974), de Alejo Carpentier. Tanto autores novos como alguns dos que já eram consagrados se viram na necessidade de escrever para manifestar suas opiniões que, na época ditatorial, eram consideradas subversivas.

A ideia de ignorar o que ocorria nessa época sistematicamente em muitos países do continente seria impossível. A escrita, para eles, não seria uma profissão e sim uma necessidade, uma intensa forma de expressão. E é através desta ideia que a literatura se torna um modelo de denúncia e de valorização da justiça que era contrária aos supostos valores defendidos pelas ditaduras:

A literatura cumpre um papel instrutivo e chega a ser um modelo, um meio para a justiça, ou seja, nos ensina quais são os valores e virtudes. A literatura constitui um observatório para o estudo da cultura, da história de uma comunidade e, ao mesmo tempo, é uma lente para ler o passado de um país.” (BREZOVÁKOVÁ apud GARAY, 2013, p.20-21, tradução nossa)<sup>4</sup>

<sup>4</sup> No original: “La literatura cumple un papel instructivo y llega a ser un modelo, un medio para la justicia, o sea, nos enseña cuáles son los valores y virtudes. La literatura constituye un

A literatura muitas vezes cumpriu um papel de retratar a sociedade. Após a ditadura, a literatura servia como uma manifestação contra a repressão violenta daquele governo, e dava visibilidade também às respostas da luta popular. Logo surgiram tendências dentro da cena literária que se tornaram características daquele tempo, como histórias com uma busca por justiça, a presença da militância nas narrativas e a ode à democracia. Nas obras de cunho revolucionário, é comum termos algumas características específicas que representem justamente este questionamento, esta busca por justiça:

Nos últimos meses me dediquei ao estudo das obras da ditadura escritas por três chilenos: Isabel Allende, Antonio Skármeta y Roberto Bolaño. Em seus livros podemos encontrar traços similares: a imagem do terror da ditadura e suas consequências para os inocentes, a luta pela liberdade e a crítica a um regime político repressivo. (BREZOVÁKOVÁ, 2020, p.6, tradução nossa)<sup>5</sup>

Os escritores latino-americanos, que viviam a necessidade do relato escrito em resposta à ditadura, acabaram respondendo à censura e aos demais crimes da época da maneira que sempre conseguiram, através dos seus depoimentos. A literatura de denúncia ao regime militar dava voz a personagens tidas como transgressoras, e demonstrava o quanto humana era a busca pela liberdade. Personagens militantes, vítimas de perdas e danos, jovens progressistas, pais, mães, irmãos e filhos que perdiam seus entes queridos e/ou se somavam à resistência ganhavam vida nas páginas desses autores, retratavam da maneira mais completa possível as terríveis agruras daqueles anos tão violentos. Obras de cunho biográfico, assim como relatos ficcionais, eram gerados, e neles os seus autores demonstravam apoio à militância e a oposição da época, relatos estes que se tornaram armas para garantir que as

---

observatorio para el estudio de la cultura, de la historia de una comunidad y, al mismo tiempo, es una lente para leer el pasado de un país” (BREZOVÁKOVÁ apud GARAY, 2013, p.20-21).]

<sup>5</sup> No original: “En los últimos meses me he dedicado al estudio de las obras de la dictadura escritas por tres chilenos: Isabel Allende, Antonio Skármeta y Roberto Bolaño. En sus libros podemos encontrar rasgos similares – la imagen del terror de la dictadura y sus consecuencias para la gente inocente, la lucha por la libertad y la crítica de un régimen político represivo.” (BREZOVÁKOVÁ, 2020, p.6)

ditaduras nunca mais ocorressem. Um exemplo desse tipo de literatura é a obra *Dias e noites de amor e guerra* (1978), de Eduardo Galeano.

Durante os duros anos ditatoriais, grande parte dos autores da época teve que se exilar. Foram inúmeros os escritores censurados durante a ditadura e perseguidos em solo natal, assim como outros artistas. Mario Benedetti foi deportado algumas vezes e era perseguido pela AAA (Aliança Anticomunista Argentina). E Julio Cortázar, autor argentino, também teve que se exilar depois de ter toda a sua obra censurada na Argentina, e foi para Paris onde viveu até morrer.

Isabel Allende foi uma daquelas que teve que se exilar, como veremos mais adiante. É no exílio que a autora vai desenvolver a sua escrita, que será marcada tanto por características comuns à literatura produzida na época da ditadura quanto por características subjetivas e femininas.

### **2.3 O pioneirismo da escrita feminina**

O meio literário, assim como a maioria dos ambientes profissionais, foi desde o seu princípio dominado pelos homens, e demoraria muito tempo para que as mulheres pudessem se inserir nele. A escrita feminina era muito subestimada, e por muito tempo as mulheres só poderiam dirigir a sua escrita ao público feminino. Enquanto em diversas culturas a escrita masculina era objeto de admiração, a escrita feminina estava marginalizada dentro do espaço literário. De acordo com Rossi:

De maneira geral, dizemos que a relação entre a mulher e a literatura começou a estreitar-se apenas no último século [século XX], seguindo uma tradição de mais de dois mil anos, em que os textos escritos por mulheres eram considerados de pouca importância. (...). Ao longo da história, a mulher permaneceu confinada em um espaço de exclusão cultural, visto que a tradição cultural era androcêntrica e privilegiava os escritos de produção masculina. (ROSSI, 2015, p. 284)

Muitas mulheres, para conseguir um espaço nesse meio predominantemente masculino, acabavam por usar elementos tidos por masculinos em suas narrativas. Para as pioneiras, negar os traços femininos da escrita era o único caminho possível. E os traços de escrita “universal” eram

considerados masculinos, ou seja, a mulher só poderia ter voz no universo da escrita se ela assumisse uma posição de escrita considerada masculina. Afinal, a forma de escrever que estava em vigência era aquela demarcada por traços de escrita masculinos, vistos como “universais”. Mais uma vez recorrendo a Rossi:

(...) A alteridade da mulher ao não ser reconhecida, começa a receber atenção apenas quando sua fala ocorre por intermédio de uma linguagem considerada universal. A linguagem considerada universal estaria investida de características masculinas, como o uso de verbos em terceira pessoa, a objetividade e a ausência de emotividade. (ROSSI, 2015, p. 285)

E é dessa forma que a mulher ingressa em ambientes antes completamente dominados pelos homens. Através de um processo de apropriação da linguagem e expressividade tida por masculina por parte das mulheres. Além disso, o público masculino ainda dominava a cena literária, e as escritoras tinham que sujeitar-se a ele.

Foram inúmeras as pioneiras que exploraram a escrita feminina produzindo grandes romances, contos e poesias reconhecidos a nível internacional, tais como Jane Austen, Emily Dickinson, Mary Shelley e as irmãs Brontë. Dentro da cena literária latino-americana da década de 80, que era marcada principalmente pela escrita masculina, Isabel Allende foi uma pioneira. Ela obteve sucesso fazendo uso de uma forma de narrar diferente, que fazia contraponto às narrativas masculinas já existentes. A escrita de Isabel é marcada pelo protagonismo feminino, pelo memorialismo, pela compaixão e pela subjetividade.

### 3. O feminismo e o papel das mulheres no regime militar

#### 3.1 O papel das mulheres na sociedade ditatorial

Durante o período ditatorial chileno, as questões relacionadas ao papel das mulheres na sociedade fizeram parte dos pilares do governo antidemocrático, que impôs um discurso machista e conservador inclusive em âmbitos legislativos e propagandas políticas. A imagem da mulher era construída a partir de um viés que permitisse ao governo subjugar as cidadãs chilenas de maneira a manter o controle não só delas como da sociedade como um todo.

Primeiramente, as mulheres não eram consideradas seres políticos, a elas bastaria o papel de mães e esposas, que deveriam educar os filhos de acordo com a Declaração de 1974, de forma a garantir a conservação da ordem antidemocrática e a propagação do moralismo na sociedade. Como disse Bravo:

As integrantes deveriam entender que sua missão inicial estava cumprida e, agora, auxiliariam na refundação do país, em um papel que, na concepção deles, era natural para a mulher: de mãe e esposa, que cuidaria dos filhos, perpetuando a ideologia do governo ditatorial. (BRAVO, 2020, p.4)

Outro fator importante para a análise atual é a ressignificação da Secretaria Nacional da Mulher e do Centro de Mães, que se tornou um meio para a dominação conservadora (BRAVO, 2020, p. 3-4). Ou seja, os órgãos que deveriam proteger os interesses das mulheres e agir em prol do progresso social agora se encontravam sob domínio do regime e agiam de acordo com os interesses dele.

A propaganda sempre teve um papel importante na manutenção do regime ditatorial. Ela foi também um mecanismo essencial em 1988 para o fim do regime em 1990. Mas, em se tratando do governo antidemocrático de Pinochet, a propaganda reafirmava os ideais misóginos que funcionavam como base para a preservação do governo, uma vez que as mensagens por trás dessas propagandas colocavam a mulher em uma posição de gestora do lar, que, como dito anteriormente, deveria garantir que a sua família seguisse os ideais antiprogressistas julgados apropriados pelo sistema.

É importante ressaltar que o Chile, assim como todos os países da América Latina, tem em suas origens a misoginia estatizada. Mas especificamente este país foi um daqueles onde o patriarcalismo mais se firmou. Por isso, durante a época da ditadura militar, o governo militar se valeu dessa condição histórica para tentar preservar o reacionarismo e torná-lo inerente à sociedade.

Durante este período também ocorreu o ingresso de muitas mulheres no mercado de trabalho, muitas vezes por conta da situação de desemprego dos maridos ou da necessidade de completar a renda familiar. Esse cenário surge a partir de crise econômica vivida durante este período, mas ele não gera as mudanças sociais necessárias nessa época. (BRAVO, 2020, p. 4) Isso ocorre por conta da permanência da misoginia e do conservadorismo como ideais ainda valorizados e propagados pelo governo.

Isabel Allende afirma em sua obra *Mujeres del alma mía* que até hoje o Chile é dominado pelos homens. Segundo ela:

Os homens controlam o poder político e econômico, proclamam as leis e as aplicam cegamente e, caso isso não for suficiente, a Igreja intervém com seu costumeiro selo patriarcal. As mulheres mandam em suas famílias... às vezes. (ALLENDE, 2022, p. 16, tradução nossa)<sup>6</sup>

Ou seja, os resultados de uma tendência ao patriarcalismo que sempre esteve presente e ganhou forças durante a ditadura chilena ainda podem ser percebidos na cultura do país até hoje. Isabel Allende reafirma isso e demonstra que não há âmbito onde essa realidade não seja aplicada. Isso haveria de gerar o questionamento da parte das mulheres, fator que gerou importantes discussões ao longo dos anos ditatoriais e de transição, apesar de uma forte fragmentação dentre as militantes feministas.

---

<sup>6</sup> No original: “Los hombres controlan el poder político y económico, proclaman las leyes y las aplican a su antojo y en caso de que eso no sea suficiente, interviene la Iglesia con su consuetudinario sello patriarcal. Las mujeres solo mandan en su familia... a veces.” (ALLENDE, 2022, p.16)

### 3.2 O movimento feminista na ditadura

O movimento feminista estava presente na luta contra a ditadura militar. Ele surge como resposta direta ao patriarcalismo, a repressão de Pinochet e os crimes cometidos pelo Estado contra o indivíduo:

A ditadura de Pinochet acabou com ações de planejamento familiar: desestimulou o uso de contraceptivos, ordenou nos consultórios que se retirassem os DIUs das mulheres e derrubou a lei do Aborto Terapêutico, que existiu até 1989. (JANZ WOITOWICZ; PEDRO, 2009, p.54)

Como afirmam Janz Woitowicz e Pedro, as primeiras mulheres a protestarem contra as ações do Estado foram as esposas e demais familiares de prisioneiros políticos. Mais tarde o movimento feminista ganharia forma através das mulheres que já estavam engajadas em uma militância que não abrangia as questões de gênero. Estas mulheres estabeleceram o movimento feminista na luta contra a ditadura. E o movimento feminista foi responsável por inúmeros feitos durante os anos de repressão estatal:

O fortalecimento do feminismo no Chile envolve a criação de centros de estudos sobre a mulher, organizações de mulheres, encontros e atos públicos realizados no período da ditadura militar. (JANZ WOITOWICZ; PEDRO, 2009, p.49)

Como dito anteriormente, o feminismo foi uma resposta das mulheres à repressão, a violação dos direitos humanos e a perseguição política. Mas também foi mencionado que a sociedade chilena era bastante conservadora, e isso principalmente quando se trata de questões de gênero. O reacionarismo estava enraizado na sociedade, por isso a luta das mulheres feministas era contra os valores conservadores da sociedade, e não só contra o Estado antidemocrático em si:

Pode-se dizer, diante destes discursos produzidos pelo movimento feminista no Chile, que o principal inimigo a ser combatido, durante e após a ditadura militar, foi o conservadorismo da sociedade, que - em sintonia com a ação da igreja Católica - pregava uma determinada concepção de família em que não havia espaço para questões como divórcio, aborto, liberdade sexual e direito ao corpo. (JANZ WOITOWICZ; PEDRO, 2009, p.54)

Dessa maneira, haveria de surgir uma resposta a tanta repressão direcionada às mulheres. O feminismo estava presente nos anos de regime militar, em diversos âmbitos. Havia feministas tanto em movimentos autônomos quanto inseridas em movimentos socialistas, como explica Nelly Richard:

As mulheres que se encontravam até então ligadas a organizações de gênero – mulheres divididas entre o feminismo do Movimento autônomo e o feminismo do Movimento Socialista – conseguiram introduzir o tema da diferença de gênero na discussão político-partidária dos anos de luta pela recuperação democrática, fazendo com que o argumento feminista servisse de exemplo de enfrentamento coletivo ao sistema de discriminação socio-masculino, mas também de vetor de questionamento dos modelos ortodoxos de pensar e fazer (a) política. (RICHARD, 2001, p.229, tradução nossa)<sup>7</sup>

Nesse momento certas noções de comportamento e definições do que poderia ser considerado um ato político se tornaram vigentes. Atitudes misóginas que antes eram consideradas algo particular se tornavam uma questão de bem comunitário e de combate ao machismo. Era o início da articulação de uma consciência de gênero no Chile. Mas começaram a surgir problemas à medida em que a democracia dos acordos que ocorria durante a transição tomava forma e evitava o radicalismo de certas discussões que acabaram marginalizadas. Além disso, muitas ativistas feministas se afastaram dos movimentos uma vez que esperavam por um cargo estatal, e a SERNAM (Servicio Nacional de la Mujer), que deveria gerir as questões de interesse das mulheres e relativas ao feminismo, acabou tratando da mulher dentro da esfera familiar e não como indivíduo com demandas pertinentes.

Dessa forma, as ativistas feministas acabaram se organizando em duas esferas, a das ONGs e a dos Departamentos de Estudos da Mulher nas principais universidades do país. Como afirma Richard:

Mas tanto as ONGs quanto os departamentos de Estudos de Gênero que deslocaram o feminismo chileno durante a transição favoreceram

---

<sup>7</sup> No original: “Las mujeres que se encontraban entonces ligadas a las organizaciones de género –mujeres divididas entre el feminismo del Movimiento autónomo y el feminismo del Movimiento socialista– lograron introducir el tema de la diferencia de género en la discusión político-partidaria de los años de lucha por la recuperación democrática, haciendo que el argumento feminista sirviera de eje de enfrentamiento colectivo al sistema de discriminación socio-masculino, pero también de vector de cuestionamiento de los modelos ortodoxos de pensar y hacer (la) política.” (RICHARD, 2001, p. 229)

a conversão da sua energia rebelde a codificações orçamentárias e institucionais que determinam hoje as suas produções segundo parâmetros que tendem a ser cada vez mais de instrumentalização burocrática e de operacionalização técnico-profissional. (RICHARD, 2001, p.231-232, tradução nossa)<sup>8</sup>

Logo o novo universo feminista que surge na ditadura e continua através das ONGs e dos estudos universitários se oporia à noção prévia do papel da mulher na sociedade chilena. Enquanto os partidos de direita e a Igreja defendiam a ideia de que a mulher deveria se subjugar e aceitar o papel de mãe e gerente do lar, sem apresentar nenhuma queixa e sempre se portando de maneira passiva e obediente principalmente diante da presença masculina. No momento em que estas duas ideologias entram em choque, o próprio país enfrenta uma crise. Mais uma vez recorrendo a Richard:

A palavra “gênero” desatou fortes polêmicas nos setores da direita e colocou o tema dos papéis e das definições sexuais no centro do debate nacional sobre a “crise moral” da sociedade chilena. (RICHARD, 2001, p.232, tradução nossa)<sup>9</sup>

A partir dessa divisão radical de ideais pode-se perceber uma divisão também e principalmente da opinião feminina. Ainda hoje muitas mulheres concordam com a visão reacionária do que é ser mulher, e no Chile as mesmas instituições que reprimem a mulher continuam vigentes. Mas a discussão feminista, que se iniciou no período ditatorial e de transição foi de suma importância para o feminismo: ela criou uma alternativa que poderia eventualmente ser a libertação feminina.

---

<sup>8</sup> No original: “Pero tanto las ONGs como los departamentos de Estudios de Género a los que se desplazó el feminismo chileno durante la transición han favorecido la conversión de su energía rebelde a codificaciones presupuestarias e institucionales que determinan hoy sus producciones según parámetros que tienden a ser cada vez más de instrumentalización burocrática y de operacionalización técnico-profesional.” (RICHARD, 2001, p.231-232)

<sup>9</sup> No original: “La palabra “género” desató fuertes polémicas en los sectores de la derecha y colocó el tema de los roles y de las definiciones sexuales en el centro del debate nacional sobre la “crisis moral” de la sociedad chilena.” (RICHARD, 2001, p.232)

## 4. Sobre a autora<sup>10</sup>

### 4.1 Vida

Isabel nasceu em 1942, filha do diplomata Tomás Allende, primo do presidente socialista Salvador Allende e de Francisca Llona, em Lima. Na época, seu pai era diplomata na embaixada chilena do Peru. Em 1945, seus pais se separam, o pai de Isabel se afasta em definitivo dos filhos e Isabel retorna ao Chile com a mãe e os irmãos. Mais tarde, a mãe de Isabel se casa pela segunda vez com o padrasto que ela desde menina aprendeu a chamar de Tío Ramón, e a família se muda novamente: primeiro para a Bolívia, e logo depois para o Líbano. Em 1958, Isabel se estabelece no Chile novamente, e começa a trabalhar para a FAO, órgão das Nações Unidas. A escritora se casou em 1962 com Miguel Frias, com quem teve dois filhos, Nicolás e Paula. Quando se instalou a ditadura militar no Chile, e a morte de Salvador Allende, Isabel e seus familiares se tornam exilados políticos, e se estabelecem na Venezuela, onde a escritora desenvolve mais a sua escrita.

Ingressou no meio jornalístico quando conseguiu um trabalho na revista feminina Paula, onde fazia parte da equipe editorial. Esta revista teve um papel importante na carreira e formação ideológica de Isabel, como será apontado mais adiante.

Em 1982, Isabel Allende publica sua primeira e mais reconhecida obra: *La casa de los espíritus* (A casa dos espíritos). Dois anos depois, publica *De amor y de sombra*. Isabel nunca retornou ao Chile, mas é possível dizer que suas obras foram influenciadas por suas vivências como cidadã chilena.

As obras de Isabel Allende são marcadas por temáticas femininas e feministas, pela questão da memória e do contexto histórico-social latino-americano. A autora é muito conhecida por suas ficções, mas também tem obras

---

<sup>10</sup> Para redigir o perfil de Isabel Allende, consultei a página Memoria Chilena, vinculada à Biblioteca Nacional de Chile, e disponível em: <https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-100654.html>

de cunho autobiográfico. Pode-se dizer que em todas as suas obras há uma mescla de realidade e ficção. Segundo Salonen:

Isabel Allende, que aponta que a ficção que escreve pertence à literatura realista, é, sem dúvida, uma autora de grande êxito de vendas, segundo apontamos, tendo em vista que foram vendidos mais de 65 milhões de exemplares e foram traduzidos a 35 idiomas. Suas obras tratam de temas tais como as realidades políticas, a justiça social e o feminismo. (SALONEN, 2015, p.4-5, tradução nossa)<sup>11</sup>

A autora obteve grande êxito literário desde sua primeira publicação, e é uma referência da literatura latino-americana reconhecida mundialmente. Sua escrita se tornou um fenômeno de proporções globais, e até hoje ela segue produzindo material inédito. A autora publicou muitas obras de sucesso, tais como *Eva Luna* (1987), *El plan infinito* (1991), *Paula* (1994), *Hija de la fortuna* (1998), *Retrato en sepia* (2000), e, o seu mais novo romance, *Violeta* (2022).

Na época em que Isabel Allende começa a fazer sucesso como escritora, pode-se perceber que a cena literária latino-americana estava composta quase exclusivamente por autores homens. Isabel, com a sua escrita marcada pelo feminismo, conseguiu se consolidar nesse meio e aproveitar uma nova tendência de valorização da escrita latino-americana.

Isabel se mune das memórias e da criatividade para retratar o Chile sob repressão severa em *De amor y de sombra*. A obra ilustra pouco a pouco a dura realidade do país e através das suas personagens, demonstra um retrato dos cidadãos chilenos em um período de medo e escuridão, onde somente o amor poderá salvar as personagens principais “de uma existência banal”.

## 4.2 Isabel Allende e a representação do Chile

Allende se torna escritora durante o exílio. Mesmo à distância, o Chile foi um dos cenários escolhidos por ela para dar vida às suas histórias. Isso se dá por conta das experiências vividas pela escritora em sua pátria natal, que foram

---

<sup>11</sup> No original: “Isabel Allende, quien señala que la ficción que escribe pertenece a la literatura realista, es, sin duda, una autora de gran éxito de ventas, según apuntamos, dado que se han vendido más de 65 millones de ejemplares y han sido traducidos a 35 idiomas. En sus obras trata temas tales como las realidades políticas, la justicia social y el feminismo.” (SALONEN, 2015, p. 4-5.)

tão impactantes que a moldaram como ser humano e como contadora de histórias.

(...) A escrita de Isabel Allende foi constituída fora do Chile, mas toda a experiência com o desterro fortaleceu seu pertencimento a este país. O Chile hoje em dia segue sendo seu espaço geográfico-cultural, onde situa a maioria dos seus romances. (BREZOVÁKOVÁ, 2020, p.7, tradução nossa)<sup>12</sup>

Isabel, assim como muitos de seus contemporâneos, escreve tanto obras biográficas como ficcionais, e como já mencionado, suas ficções contêm muitos elementos autobiográficos. Inclusive alguns desses elementos podem ser interpretados como uma tentativa de aproximação com o leitor, que poderia não ter Pinochet ou as datas da ditadura chilena como referência. Como afirma Brezováková:

Suas obras fictícias contêm muitos elementos autobiográficos e apresentam os acontecimentos da história chilena de uma maneira implícita. (BREZOVÁKOVÁ, 2020, p.7, tradução nossa)<sup>13</sup>

Brezováková ainda menciona como nas obras de Allende não há nenhum registro de data e como o nome da figura do ditador permanece oculto nos seus romances fictícios. A escritora só menciona o nome de Pinochet e as datas das ocorrências nas suas obras biográficas, que dizem respeito a sua própria história, e não a um retrato fictício das suas experiências. Em nenhum momento em suas obras de ficção a autora revela estes elementos, que não se resumem a detalhes e sim a informações de suma importância que adquirem uma simbologia interessante uma vez que não são apresentadas nas narrativas.

Allende apresenta em suas obras temáticas que coincidem com as de outros autores que também relatam o horror das ditaduras. Em *De amor y de sombra*, como veremos mais adiante, há personagens que são perseguidos, que fazem trabalhos clandestinos, há personagens inocentes que sofrem com o sistema, e há o momento do fim da alienação da parte da personagem principal,

---

<sup>12</sup> No original: "(...) La escritura de Isabel Allende se ha constituido fuera de Chile, pero toda la experiencia con el destierro fortaleció su pertenencia a este país. Chile hoy en día sigue siendo su espacio geográfico-cultural, donde sitúa la mayoría de sus novelas" (BREZOVÁKOVÁ, 2020, p.7)

<sup>13</sup> No original: "Sus obras ficticias contienen muchos elementos autobiográficos y presentan los acontecimientos de la historia chilena de un modo implícito." (BREZOVÁKOVÁ, 2020, p.7)

que acaba decidindo se opor ao sistema uma vez que testemunha a injustiça e a barbárie. Da mesma forma, nos deparamos com o papel da mulher na ditadura, elemento típico da obra de Isabel.

### 4.3 Isabel Allende e o feminismo

Isabel afirma que foi feminista a vida toda. O distanciamento do pai biológico e as oposições aos ideais machistas e reacionários sempre presentes na sua vida e no Chile a tornaram uma jovem questionadora e tenaz. Quando jovem, foi testemunha do abandono paterno, da submissão das mulheres próximas a ela e até do machismo dos demais membros da família e por isso sempre se opôs à realidade na qual nasceu. Sobre a sua trajetória como feminista ela afirma:

Meu nojo contra o machismo começou nesses anos de infância ao ver a minha mãe e as empregadas da casa como vítimas subordinadas, sem recursos e sem voz, ela por ter desafiado as convenções sociais e as demais por serem pobres. (...) Os sentimentos de frustração eram tão poderosos que me marcaram para sempre com uma obsessão pela justiça e uma rejeição visceral ao machismo. (ALLENDE, 2022, p.11, tradução nossa)<sup>14</sup>

Como mencionado anteriormente, na sua juventude Isabel Allende fez parte da equipe de escritoras da revista Paula. Foi a partir dessa oportunidade de trabalho, nessa revista nova no mercado, que Isabel pôde dar voz aos questionamentos feministas que sempre teve, e onde pôde chamar a atenção para estes assuntos pela primeira vez de muitas mulheres. Estes assuntos acompanhariam a escritora tanto em sua trajetória intelectual e de autora como pessoal. Sobre isso ela discorre em sua obra *Mujeres del alma mía*:

Éramos quatro mulheres de vinte e tantos anos dispostas a sacudir a hipocrisia chilena. Vivíamos em um país socialmente muito

---

<sup>14</sup> No original: “Mi enojo contra el machismo comenzó en esos años de infancia al ver a mi madre y a las empleadas de la casa como víctimas, subordinadas, sin recursos y sin voz, la primera por haber desafiado las convenciones y las otras por ser pobres. (...) Los sentimientos de frustración eran tan poderosos que me marcaron para siempre con una obsesión por la justicia y un rechazo visceral al machismo.” (ALLENDE, 2022, p.11)

conservador e de mentalidade provinciana, onde os costumes não haviam mudado muito. (ALLENDE, 2022, p.40, tradução nossa)<sup>15</sup>

Em *Mujeres del alma mía*, Isabel menciona questões sobre feminismo, amor, vaidade, violência contra a mulher, dentre inúmeros outros assuntos. Uma das temáticas mais recorrentes desta obra é a escrita de Isabel. De acordo com um dos relatos que a escritora fez nessa obra sobre o assunto, ela não lembrava se tinha tido ambições literárias no início da vida, pois ambições em geral eram algo destinado somente aos homens. De acordo com Isabel:

Ainda que na juventude eu fosse muito passional, não me lembro se alguma vez tive ambições literárias; acredito que a ideia não me ocorreu porque a ambição era coisa de homens e, se fosse aplicada a uma mulher, era um insulto. Foi necessário um movimento de libertação feminina para que algumas mulheres se apoderassem deste conceito, assim como fizeram com a ira, a assertividade, a competência, o gosto pelo poder, o erotismo, e a determinação para dizer NÃO. (ALLENDE, p. 79, 2022)<sup>16</sup>

A autora pode ser considerada, de acordo com os seus próprios relatos, uma defensora do movimento de libertação das mulheres. Sua infância e suas experiências de juventude serviram para gerar e solidificar os seus ideais feministas. E estas vivências foram molde para a criação de suas personagens, que refletem alguns dos conflitos com os quais as mulheres tem que lidar, principalmente em se tratando de mulheres chilenas, que nasceram em um país onde o conservadorismo é muito forte, como relatado anteriormente.

As personagens criadas por Isabel retratam muitas dificuldades pelas quais as mulheres passam frequentemente. Em *De amor y de sombra*, quatro mulheres com histórias de vida completamente diferentes ilustram as lutas e lamúrias de mulher chilena durante o período de repressão da parte do Estado. Elas representam o Chile da ditadura, e as demandas e a realidade femininas

---

<sup>15</sup> No original: “Éramos cuatro mujeres de ventitantos años dispuestas a sacudir la mojigatería chilensis. Vivíamos en un país socialmente muy conservador y de mentalidad provinciana, donde las costumbres no habían cambiado mucho desde el siglo anterior.” (ALLENDE, 2022, p.40)

<sup>16</sup> No original: “Aunque de joven era muy apasionada, no recuerdo si alguna vez tuve ambiciones literarias; creo que la idea no se me ocurrió porque la ambición era cosa de varones y si se aplicaba a una mujer, era un insulto. Fue necesario un movimiento de liberación femenina para que algunas mujeres se apoderaran de este concepto, tal como lo hicieron con la ira, la asertividad, la competencia, el gusto por el poder, el erotismo y determinación para decir que NO.” (ALLENDE, 2022, p. 79)

neste período em que o conservadorismo impedia a visibilização das questões femininas.

## **5. A obra *De amor y de sombra***

### **5.1 Enredo**

A obra *De amor y de sombra*, publicada em 1984, é uma história de amor romântico que tem como plano de fundo a ditadura militar chilena. É protagonizada pelos personagens Irene Beltrán e Francisco Leal, dois jovens que se conhecem quando o segundo começa a trabalhar na revista onde Irene é redatora. Os dois desenvolvem uma intensa amizade que se torna o romance de suas vidas. Enquanto Irene é uma jovem de classe alta privilegiada e protegida dos horrores dos anos de chumbo, Francisco é um rapaz filho de imigrantes espanhóis de esquerda que abominam a situação política que se desenvolveu no país.

Irene e Francisco entram em contato direto com a violência política e social causada pela ditadura quando os dois vão realizar uma reportagem no interior e acabam se envolvendo com a jovem Evangelina Ranquileo e sua família. Evangelina, uma jovem que era reconhecida em seu povoado por realizar pequenos milagres, acaba sendo detida pelos militares e Irene e Francisco decidem averiguar o seu paradeiro. É nesse momento que os dois acabam indo em direção a um caminho sem volta, e Irene acabará por sair do seu estado de ingenuidade para sempre.

### **5.2 Personagens principais: Irene Beltrán e Francisco Leal**

Como personagens principais temos: Irene Beltrán e Francisco Leal. Irene Beltrán é uma jovem atraente, inteligente e perspicaz que pertence à classe dominante na época da ditadura, mas não compartilha dos mesmos ideais dos jovens conservadores do país. É uma personagem moderna e extravagante, inclusive no modo de agir. Irene e sua mãe vivem uma vida confortável, mas que passou por diversas mudanças quando o pai de Irene desapareceu anos antes. As duas gerenciam um asilo localizado no andar de baixo de sua própria residência. Irene é apresentada no início do livro como uma jovem alegre, aberta, atenciosa e de presença leve. Gosta de se vestir com roupas coloridas e

esvoaçantes. Seu conhecimento da situação do seu país no início da obra é muito superficial, ela percebe as demandas das camadas mais populares da sociedade e que há uma crise no país, mas desconhece por completo os terrores cometidos pelos militares. Inclusive, uma das primeiras coisas que aprendemos sobre Irene é que ela está noiva do Capitão Gustavo Morante, seu namorado desde a adolescência.

O outro personagem principal é o fotógrafo e psicólogo de formação Francisco Leal. Francisco é filho de um casal de imigrantes espanhóis e mais novo de três irmãos. Seu caminho se cruza com o de Irene quando ele precisa buscar um novo emprego depois de ter de renunciar à carreira de psicólogo. Os dois se conhecem durante a entrevista de emprego dele e desde o primeiro instante o jovem se encanta pela jornalista. Francisco, cujos pais são exilados da época da ditadura de Franco na Espanha, nunca esteve em uma situação de alienação. É importante mencionar que ele inclusive trabalha clandestinamente, guiando fugitivos para fora do país, embora na narrativa este elemento tenha sido pouco mencionado. Francisco sente o impacto que Irene sofreria quando ela ficasse a par da situação sombria em que seu país se encontrava. Mesmo com as diferenças de criação e percepção da realidade, Francisco e Irene embarcam em uma jornada de descobrimentos e, ao enfrentar o perigo juntos, acabam por se apaixonar.

Como o enfoque do presente trabalho é analisar as personagens femininas, vamos analisar de maneira mais detalhada a personagem de Irene. Mais tarde, mencionaremos também as personagens femininas secundárias.

### **5.2.1 As características de Irene**

A personagem principal da obra é descrita como alguém irreverente, que não se opõe a chamar a atenção ou a contrariar o status quo. Seu perfil não bate com o perfil de uma jovem de classe mais alta, e ela não se incomoda com isso. Apesar do papel que a mãe tem em questioná-la, a jornalista prefere viver e ver o mundo à sua maneira.

Irene é uma personagem intensa, que não gosta de pensar no futuro e que age de forma ousada. É uma jovem livre e rebelde, que vai aonde o vento e

o momento a levarem. Ela mesma se reconhece como um espírito livre, extremamente ligado ao presente, ainda que por vezes buscasse algo diferente:

Ela [Irene] se considerava um cometa navegando no vento e, assustada com sua própria rebelião interior, às vezes cedia à tentação de pensar em alguém que freasse seus impulsos; mas esses estados de ânimo duravam pouco. Quando meditava sobre seu futuro tornava-se melancólica, por isso preferia viver intensamente enquanto fosse possível. (ALLENDE, 2019, p.69)

É importante analisar a origem dessa tendência de Irene à ousadia e também à alienação, uma vez que estes dois elementos raramente andam juntos. Como veremos mais abaixo, parte da razão pela qual Irene é uma personagem tão ousada, e ao mesmo tempo, tão alienada, é a sua mãe, Beatriz. Mas também devemos apontar que a influência e ausência do pai, Eusébio, são de suma importância para a personagem. Eusébio é descrito como um homem extravagante, que ama a arte e tem ideias peculiares, além de pouca vocação para os negócios. Irene nunca demonstrou mágoa pelo desaparecimento do pai, e carregou consigo a extravagância e a ousadia herdadas dele. Os embates dos dois pais enquanto o seu pai ainda estava presente também foram muito marcantes para Irene.

É culpa sua, Eusébio, você a educa mal com presentes de manceba, perfumes franceses, blusas de renda, joias impróprias para uma menina de sua idade. A culpada é você, Beatriz, por ser tão frívola e curta de entendimento. Irene se veste com panos compridos para te agredir, o analista já o disse. Tanto esmero para educá-la, digo eu, e olha o que nos acontece, uma criatura extravagante que zomba de tudo e abandona a pintura e a música para se dedicar ao jornalismo. (ALLENDE, 2019, p.143).

Irene apresenta contradições de sentimentos e pensamentos, mas é uma personagem que vai à luta quando se mostra necessário. A medida em que certas questões vão ficando cada vez mais claras para ela, a personagem demonstra uma força interior que é um elemento essencial na narrativa.

### 5.2.2 A trajetória de Irene: mudanças de posicionamento

A personagem Irene sofre mudanças ao longo da obra. Elas estão diretamente relacionadas ao contexto histórico-social da narrativa, uma vez que a jovem passa a agir de uma maneira diferente e decide combater o sistema uma vez que fica a par dos crimes ocorridos durante o regime militar. Isso ocorre uma vez que Irene se coloca a par da violência policial durante o regime.

Irene Beltrán viveu até então protegida numa ignorância angelical, não por inércia ou estupidez, mas por essa ser a norma em seu meio. Como sua mãe e tantos outros de sua classe social, refugiava-se no mundo ordenado e agradável do bairro alto, dos balneários privativos, das pistas de esqui, dos verões no campo. Educaram-na para negar as evidências desfavoráveis, descartando-as como sinais enganosos. (ALLENDE, 2019, p.119)

Após descobrir um mundo de sombras até então desconhecido, a aparência de Irene muda e seu comportamento também. A jovem fica claramente abatida depois de tudo o que descobriu.

Nessa noite Francisco notou algo diferente nos olhos da jovem, não encontrou o riso nem o espanto de sempre. Suas pupilas tinham se tornado escuras e tristes, do tom das folhas secas de eucalipto. Então ele compreendeu que Irene estava perdendo a inocência e já ninguém poderia evitar que ela entresse a verdade. (ALLENDE, 2019, p.116)

Mesmo assustada e desiludida, Irene decide largar tudo e lutar contra o sistema. Isso ocorre porque para a personagem se torna impossível não reagir à injustiça e a violência. Sobre isso, Rossi afirma:

No caso do romance de Isabel Allende, o autoritarismo político, a repressão e a ditadura militar deram motivos para que a protagonista abandonasse sua vida cotidiana e se envolvesse em acontecimentos dramáticos, como foi o caso de seu envolvimento na revelação dos responsáveis pelo rapto e desaparecimento da jovem Evangelina Ranquileo, vítima da opressão. (ROSSI, 2015, p.284)

Ou seja, Irene é tomada por uma força vinda da repressão ditatorial que a faz largar tudo o que conhecia e ir em busca da justiça. Ela e Francisco decidem investigar a situação até o fim, mesmo que isso signifique pôr as suas vidas em risco.

A jovem foi criada segundo os valores da classe média chilena durante a ditadura, mas sempre teve estilo próprio. Trabalhava, mesmo isso sendo contra a vontade da mãe e os costumes sociais da sua classe, usava roupas chamativas e destoava dos demais jovens de classe média da sua idade, não cultivava frivolidades. De várias formas, estamos diante de uma personagem rebelde:

Apesar de descender de uma família rica, e diferentemente do que ocorre com sua mãe, a jovem trabalha em uma revista. Mesmo em um período em que a ditadura militar vigorava em seu país, a jornalista é uma mulher, cujos interesses ultrapassam as meras extravagâncias da vida social. (ROSSI, 2015, p.288)

Por outro lado, por mais que Irene mantivesse uma aura de irreverência e rebeldia, até o momento em que a jovem decide enfrentar diretamente o sistema, ela vivia de acordo com alguns padrões sociais. Era jornalista, mas trabalhava em uma revista feminina, limitando-se às temáticas nela inseridas, temáticas consideradas pela sociedade como adequadas ao público feminino, tais como assuntos de estética, moda, lar e bem-estar. Ela trabalha onde e como lhe foi permitido segundo as normas da sociedade. Segundo Campos:

Seu trabalho como repórter – como produtora de discurso significante, teoricamente - de uma revista “feminina”, consiste em escrever sobre hormônios milagrosos... para evitar a gravidez, máscaras de algas marinhas para apagar as marcas da idade sobre a pele, amores de príncipes e princesas das casas reais da Europa, desfiles de moda... (CAMPOS, 1989, p.199, tradução nossa)<sup>17</sup>

E esse meio está marcado por um período de extrema repressão, que era a época ditatorial no Chile. Mesmo que a princípio a personagem não pudesse reconhecer o mundo das sombras, este mundo a reconhecia e limitava as suas oportunidades por ser mulher.

Para realizar uma análise de como Irene e, mais adiante, as demais personagens trazem à tona questões feministas, faremos uso da obra *Escritos feministas: La vigencia del pensamiento de Julieta Kirwood en el Chile actual*, da

---

<sup>17</sup> No original: “(...) Su labor como reportera — como productora de discurso significante, en teoría — de una revista “femenina,” consiste en escribir sobre hormonas portentosas... para evitar la concepción, máscaras de algas marina para borrar las huellas de la edad sobre la piel, amores de príncipes y princesas de las casas reales de Europa, desfiles de moda...” (CAMPOS, 1989, p.199)

autora citada no título. Esta autora é uma reconhecida feminista chilena, e suas reflexões são essenciais para o estudo do feminismo no país.

É possível afirmar que Irene é uma personagem que, apesar de ser descrita como dona de um espírito livre e muito peculiar, ainda está inserida em um meio com parâmetros pautados no sexismo, como podemos perceber através do seu ambiente de trabalho. Segundo Julieta Kirkwood, para que a sociedade em que vivemos atingisse a igualdade de gênero, seria necessário que uma nova ordem fosse imposta, onde fosse possível construir parâmetros alternativos. Como demonstra a autora:

Com a sua declaração de que não é suficiente romper os muros do lar para que as mulheres sejam incorporadas ao mundo social e público e que se abram horizontes, o feminismo rejeita a possibilidade de realizar pequenos ajustes de horários e de papéis à ordem natural, porque isso não seria outra coisa a não ser a inserção em um âmbito-mundo já definido pela masculinidade (o outro termo na relação de opressão)" (KIRKWOOD, 2019, p.106-107, tradução nossa)<sup>18</sup>

Kirkwood aponta que as experiências vigentes que temos com relação ao papel da mulher na sociedade, as revoltas históricas em prol da questão feminista e as ações da mulher como militante de múltiplas causas nos demonstram que é muito difícil alavancar a questão feminista no mundo em que vivemos. É necessário romper barreiras e criar uma experiência nova e diferente das demais, para que assim seja possível a inserção plena da mulher em uma nova e igualitária sociedade.

Irene então pode ser considerada uma cidadã progressista e, como dito anteriormente, uma personagem que não se enquadra no perfil recatado exigido por sua origem abastada. Mas ela ainda está inserida em um meio social onde a sua liberdade tem um limite, e ela só é capaz de manifestar o seu espírito aventureiro até certo ponto dentro da sociedade ditatorial em que se encontra. Vale reforçar que este meio no qual ela está inserida é um meio antidemocrático

---

<sup>18</sup> No original: "Con su declaración de que no es suficiente romper los muros del hogar para incorporarse las mujeres al mundo social público y abrirse horizontes, el feminismo rechaza la posibilidad de realizar pequeños ajustes de horarios y de roles al orden actual, pues eso no sería otra cosa que la inserción en un ámbito-mundo ya definido por la masculinidad (el otro término en la relación de opresión)." (CAMPOS, 1989, p.106-107)

onde as mulheres tinham sua independência limitada por conta do regime vigente.

### 5.3 Personagens secundárias

Com relação às personagens coadjuvantes femininas, selecionamos para análise três que são as que mais aparecem e que tem mais importância para a história: Beatriz Alcántara, Hilda Leal e Digna Ranquileo.

#### 5.3.1 Beatriz Alcántara

Beatriz Alcántara é a mãe de Irene, e proprietária do asilo que as duas gerenciam, por iniciativa da jovem. É uma chilena oriunda de classe alta, que foi ensinada a estimar o dinheiro, a alta sociedade e a reproduzir os ideais vindos dos militares de que a democracia é uma ameaça aos bons costumes e ao seu país. Esta personagem é descrita como uma mulher superficial e elitista que vive em negação, que mal consegue se relacionar com a própria filha sem impor a sua perspectiva conservadora. Em diversos momentos, vemos a relação das duas passar por inúmeros atritos. Ela reprova os hábitos de Irene e suas relações pessoais, sempre na intenção de manter o status social das duas, e, principalmente o seu, às vezes através da filha.

Tenho que falar com a minha filha, não sei com que diabos anda metida, nem quem é essa gatinha que lhe faz companhia. Por que não vai ao clube e aproveita para conhecer jovens de sua própria categoria? Com a desculpa do trabalho, faz o que lhe dá vontade, o jornalismo sempre me pareceu um negócio suspeito, próprio de gente baixa; se o noivo soubesse das coisas que acontecem a Irene, não aguentaria, porque a futura esposa de um oficial do Exército não podese dar a esses luxos. (ALLENDE, 2019, p.17)

Ao longo do texto podemos perceber o quanto Beatriz tem aversão às atitudes da filha, por achá-las fora do padrão de uma jovem da sua classe social. Beatriz tem um desejo muito forte, isso se percebe ao longo da narrativa, de ver a filha mais recatada e com o perfil mais adequado à imagem de uma jovem oriunda de classe alta.

Beatriz casou-se com o excêntrico Eusébio, que um dia desapareceu, deixando-a sozinha com a filha e com poucos recursos para manter seu estilo de vida cheio de luxos. Inclusive nessa circunstância, a mãe de Irene rejeita por completo a ideia de que o seu marido seria um desaparecido político.

Usava a mesma prudência para se referir ao marido. Preferia acusá-lo de ter partido sem rumo, em companhia de alguma mulherzinha, a manifestar dúvidas em outro sentido. Na verdade, ela desconfiava que sua ausência não era devida a uma aventura amorosa, mas sim que as forças da ordem o eliminaram por descuido, ou que, por engano o tinham encerrado em alguma prisão, tal como se comentavam tantos casos nos últimos anos. (ALLENDE, 2019, p.45)

E da mesma forma, a personagem evita qualquer relação com o lado das sombras. Como, por exemplo, quando conhece Francisco:

A partir desse encontro souberam o quanto podiam esperar um do outro, mas se esforçavam para ser amáveis, não tanto por gostarem, mais pelo hábito das boas maneiras. (...) O jovem parecia ter as ideias claras e estas não coincidiam com as suas. Sua filha Irene frequentava gente bastante estranha e ela não a impedia, visto que de qualquer maneira se revelava inútil fazê-lo, mas se opôs como pôde à amizade com Francisco. (ALLENDE, 2019, p.44)

Ou seja, mesmo com todos os fatos que ocorrem na narrativa, Beatriz continuaria a reproduzir o mesmo discurso, mesmo sob circunstâncias extremas, como o ataque que a filha sofreria por tentar contar a verdade às pessoas sobre a mina de Los Riscos. Esta personagem é incapaz de admitir que a realidade à sua volta é prejudicial inclusive àqueles mais próximos dela. Um exemplo disso é o momento em que estão Irene, Francisco e Beatriz no carro indo para a casa das duas e eles avistam pessoas tentando oferecer produtos e serviços em troca de um pouco de dinheiro:

- Cada dia há mais pobres - disse Irene  
 - Vai começar também com essa cantilena? Em toda parte, há mendigos. O que acontece é que aqui as pessoas não querem trabalhar, este é um país de preguiçosos - rebateu Beatriz.  
 - Não há trabalho para todos, mamãe.  
 - O que você quer? Que não haja diferença entre os pobres e as pessoas decentes?  
 Irene corou sem se atrever a olhar Francisco, mas sua mãe continuou imperturbável:  
 - Essa é uma etapa de transição, logo virão tempos melhores. Ao menos temos ordem, não? Além do mais, a democracia conduz ao caos, assim disse mil vezes o General. (ALLENDE, 2019, p.175)

O fato de que Irene cresceu em um ambiente com liberdade econômica e sem senso crítico, proveniente da influência e ausência do pai excêntrico e da mãe reacionária, a tornou a jovem extravagante e alienada descrita na obra.

A personagem Beatriz ainda defende o governo militar enquanto se esconde de tudo o que está acontecendo no país investindo no consumismo: cremes para rejuvenescimento, aulas de acupuntura, roupas da moda e viagens com o jovem amante. A respeito disso, lembramos que o neoliberalismo foi implementado durante os anos da ditadura, alienando os cidadãos da dura realidade do país. Enquanto a repressão ocorria furiosamente, os cidadãos se distraíam com o consumismo, e isso não é diferente com Beatriz.

Esta personagem é um exemplo de como muitas mulheres se tornaram vítimas da ideologia repressora chilena durante os anos de ditadura militar. Enquanto parte dos homens da esquerda chilena deixava de considerar as mulheres como cidadãs que apresentam suas próprias demandas e não percebia a necessidade do começo de uma discussão acerca do feminismo, o perfil da mulher alavancado pelo Estado era de mulher-mãe, responsável pelo lar e guardiã da sociedade e dos bons costumes.

A ideologia propagada pelo governo sobre o papel da mulher no Chile funcionava de forma a manter a tendência que o país sempre teve ao conservadorismo. Isso em um momento em que essas instituições precisavam manter o controle da sociedade para garantir o seu poder. Segundo Julieta Kirkwood, essa ideologia era propagada pelos meios de comunicação representantes do Estado ditatorial chileno, e acabava atingindo homens e mulheres com o perfil mais conservador. Acerca disso, a autora menciona:

Sobre isso, poderia se sustentar que a tragédia e a responsabilidade do projeto popular no Chile é que a não consideração e a evasão das dimensões que afetam as mulheres precipitaram, em diversas situações histórico-políticas, um fenômeno semelhante: a opressão feminina resulta em reação. (KIRKWOOD, 2019, p.26-27, tradução nossa)<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> No original: “Al respecto, podría sostenerse que la tragedia y responsabilidad del proyecto popular en Chile es que la no consideración y la evasión de las dimensiones que afectan a las mujeres han precipitado, en diversas situaciones histórico-políticas, un fenómeno similar: la opresión femenina deviene en reacción. (KIRKWOOD, 2019, p.26-27)

Kirkwood afirma então que a falta de consideração com relação às pautas feministas no Chile deu espaço à propagação dos ideais conservadores, e isso ganhou muita força. Não havia uma alternativa forte o suficiente para dissipar o poder do governo ou da Igreja.

As mulheres que ocupavam posições de prestígio na sociedade chilena estavam inseridas em um meio onde o conservadorismo ditava as normas sociais. Beatriz Alcántara, vinda de uma família de classe alta e com interesse em manter seu status perante a sociedade, era a típica apoiadora dessa contraideologia, que surge da não consideração da mulher como um ser político com suas próprias demandas sociopolíticas. A personagem segue defendendo esta perspectiva durante toda a narrativa, enquadrando-se no perfil de mulher alienada por conta da sua origem aristocrática, pelo seu consumismo e pela propaganda oriunda do governo e do seu meio social.

### **5.3.2 Hilda Leal**

Hilda Leal tem uma história completamente diferente da história de Beatriz. Casada com um professor de esquerda, teve que abandonar o seu país durante a ditadura franquista. É descrita como uma mulher extremamente carinhosa, que nunca se enfurece, e que tem um carinho especial pelo filho mais novo, uma mãe amorosa que gosta de ter toda a família unida. À sua maneira, Hilda também se mantém em negação, uma vez que não fala nunca sobre a sua experiência de oposição ao governo na Espanha, que é descrita como algo muito traumático para a personagem, que inclusive sofreu um acidente na cabeça em sua juventude. O marido de Hilda suspeitava que o caso não era exatamente esquecimento, geralmente atribuído ao acidente que a personagem sofreu. Ele acredita que ela não esqueceu, somente prefere não lembrar.

Por meio de um amplo e suave processo de depuração, conseguiu apagar a maior parte das penúrias passadas e só guardava as evocações felizes. Nunca falava da guerra, nem dos mortos que enterrara, do seu acidente ou da longa marcha para o exílio. Quem a conhecia atribuía essa memória seletiva ao golpe que lhe partiu a cabeça na juventude, mas o Professor Leal podia interpretar os pequenos sinais e suspeitava que ela não esquecer nada. Simplesmente não desejava incomodar com seus antigos pesares, por

isso não os mencionava, anulando-os por meio de seu silêncio.  
(ALLENDE, 2019, p.33)

Esta sensação do Professor Leal é uma prova da intimidade dos dois, sendo ele o único capaz de interpretar os sinais que esta cumplicidade lhe trazia. Mas o que se sabe com certeza a respeito de Hilda Leal é que ela é uma mulher bastante religiosa, uma ótima conselheira, e é também retratada como uma mulher frágil, mas nem por isso deixa de demonstrar sua opinião, seus ideais e tudo o que acha correto, além de impor suas vontades. Como podemos perceber no próximo recorte, que mostra o ponto de vista do Professor Leal, marido de Hilda, esta personagem é bastante expressiva:

Sua mulher o acompanhara por todos os caminhos durante tanto tempo, que não podia se lembrar da vida sem ela. Andava a seu lado com passo firme nas manifestações de rua. Criaram os filhos em íntima colaboração. Ajudou aos outros mais necessitados, acampou a céu aberto nas noites de greve e amanheceu costurando roupa alheia por encomenda, quando não atingia o salário capaz de manter a família. Com o mesmo entusiasmo, ela o seguiu na guerra e ao exílio (...).  
(ALLENDE, 2019, p.33)

Hilda batalhou muito e é muito ligada ao marido, principalmente nos momentos mais difíceis. Não renuncia aos seus ideais, inclusive manteve a sua fé mesmo depois de casar com um homem ateu que repudiava a religião. Ela inclusive ajudou na renda da família quando o Professor foi obrigado a se aposentar depois de ser colocado na lista dos Indesejáveis após o golpe militar no Chile. Eles tinham de sustentar a sua família nuclear e família do filho mais velho Javier, que tinha esposa e dois filhos, antes do suicídio do jovem, que não conseguia viver sabendo que estava desempregado. Nessa ocasião, Hilda vê o marido e companheiro de vida preso em um estado de depressão absoluto. O Professor Leal não dizia nada, não comia, praticamente não se mexia. E inclusive nesse momento Hilda o acompanhou, inerte ao seu lado, até que ele sai desse estado uma vez que percebe que se ele sucumbisse, ela iria junto. É nesse momento que os dois decidem seguir vivendo, mas a promessa de voltar para a Espanha nunca seria cumprida.

No meio da tarde o Professor Leal levantou os olhos e fitou Hilda.  
-O que há com você, mulher? – perguntou com a voz enfraquecida pelos quatro dias de silêncio.

- O mesmo que com você.  
O professor compreendeu. Conhecia-a bem e soube que se deixaria morrer na mesma medida em que ele o fizesse, porque depois de amá-lo sem interrupção durante tantos anos, não lhe permitiria partir só. (ALLENDE, 2019, p.129)

Sobre a questão da Guerra Civil Espanhola, que tornou o Professor e Hilda refugiados, é interessante apontar que, como diz Kirkwood, foi este momento que fez com que as mulheres chilenas tomassem consciência da necessidade de se juntar à luta política. Foi a partir desse momento que as mulheres começaram a demandar maior participação no cenário político chileno. Segundo a autora:

Posteriormente, são produzidas as primeiras mobilizações femininas, organizadas através dos partidos, e em torno da luta pelo voto e a luta antifascista. Grande influência da Revolução e da Guerra Civil espanhola. Isto implicou uma tomada de consciência feminina e demandas por participação. Foram criadas organizações autônomas cujo êxito culmina na obtenção do voto público em 1949. (KIRKWOOD, 2019, p.29, tradução nossa)<sup>20</sup>

Porém este não é o caso de Hilda Leal. Ela acompanhava o marido em todas as suas iniciativas de rebelião contra o sistema e, apesar de não ser uma militante ferrenha, ela sempre estava presente e dava forças aos seus atos revolucionários. Mas ela mesma não demonstrava ter demandas próprias como mulher. Hilda é uma personagem que ilustra o quanto as mulheres assumiam a luta universal em prol da democracia na época da ditadura chilena e acabavam não começando uma discussão a respeito das suas próprias questões. Não havia manifestações e debates acerca do feminismo porque a maioria das mulheres estava envolvida com a luta contra o sistema antidemocrático da época. Sobre isso afirma Kirkwood:

Entre outras coisas, isto significou para as mulheres o alcance da consciência política através de ideias, ações e organizações constituídas pelo poder e a cultura masculina em seus termos. (KIRKWOOD, 2019, p.103-104, tradução nossa)<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> No original: "Posteriormente se producen las primeras movilizaciones femeninas, organizadas desde los partidos, y en torno a la lucha por el voto y la lucha antifascista. Gran influencia de la Revolución y Guerra Civil española. Esto implicó toma de conciencia femenina y demandas de participación. Se crean organizaciones autónomas cuyo éxito culmina en la obtención del voto público en 1949." (KIRKWOOD, 2019, p.29)

<sup>21</sup> No original: "Entre otras cosas, ello ha significado para las mujeres alcanzar conciencia política a través de ideas, acciones y organizaciones constituidas por el poder y la cultura masculina y en sus términos." (KIRKWOOD, 2019, p. 103-104)

Kirkwood demonstra que há a necessidade de se debater as questões feministas dentro do cenário político focando nelas de forma a tratá-las também como prioridade. As perspectivas vigentes dentro do governo ditatorial chileno estavam atrasadas ou equivocadas ou não haviam sido debatidas por nenhum setor da sociedade. A demanda pela volta da democracia era totalmente pertinente, mas a causa feminista estava sendo negligenciada. Não havia como começar um debate real através dos órgãos governamentais, e o movimento feminista estava dividido entre suas próprias ações e as ações universais em prol da democracia.

Então podemos perceber que Hilda tem um posicionamento, mas ele está atrelado ao posicionamento do seu marido. A mãe de Francisco reconhece as causas universais, e sofre as consequências disso, mas essa atitude nunca se transforma em um questionamento sobre as suas próprias necessidades. Talvez pelo fato de ser a única mulher da casa, apesar de ter sido dito que ela sabia impor a sua presença, não houve espaço para que as suas demandas femininas se transformassem em algo maior.

### **5.3.3 Digna Ranquileo**

Digna Ranquileo é outra mãe que precisou lutar muito pela sobrevivência dos seus entes queridos. Depois de ter a filha trocada na maternidade, demonstra o seu carinho e atenção ao decidir adotar a menina trocada e criar tanto ela quanto a sua filha biológica ao lado da outra família, os Flores. Digna é a esposa de um artista que viaja junto com o circo, e apesar de apresentar uma certa aversão ao emprego dele como palhaço, é descrita como uma esposa amorosa e uma mãe devota. Na sua família, cada novo nascimento é celebrado porque, como apontado pelos próprios personagens: “crianças são uma benção”. É uma mulher humilde, e uma mãe com muitos filhos para cuidar, em uma família onde os mais velhos tem uma ascensão natural com relação aos mais jovens. Mãe adotiva de Evangelina Ranquileo, a menina que faz pequenos milagres para os moradores da região de Los Riscos, e mãe biológica de Pradelio

---

Ranquileo, jovem que aderiu ao serviço militar para subir de vida. Digna Ranquileo é uma mulher que move montanhas pelos entes queridos, forte e com muita compaixão.

Essa mulher forte e resignada, que acumulara dificuldades e suportara tantas penúrias, trabalhos e canseiras da maternidade sem uma queixa, sentia-se no limite da aflição diante desse feitiço que oprimia seu lar. (ALLENDE, 2019, p.43)

Digna é muito prestativa e preocupada, tem senso de comunidade e goza de mais liberdades do que as suas comadres, como ela mesma reconhece. Mas mesmo sendo a chefe do lar na maior parte do tempo, em conta das viagens do circo que fazem com que seu marido esteja ausente, e mesmo tendo podido criar os filhos de acordo com os seus ideais, a personagem não reconhece em sua vida as suas próprias demandas como mulher. Ela já sofreu violência doméstica, mas não acha que isso seja um problema, porque o marido só batia nela quando estava bêbado e o filho mais velho não estava por perto. Além disso, por ele não a proibir de sair para visitar as comadres nem comandar a criação dos filhos, ela acredita não ter grandes queixas a respeito da sua vida.

Seu destino não parecia nem melhor nem pior que outros. Às vezes concluía que era uma mulher de sorte, porque ao menos Hipólito não se comportava como um camponês bruto, trabalhava no circo, era um artista, percorria estradas, via o mundo e, no seu regresso, narrava fatos admiráveis. Bebe seus tragos de vinho, não o nego, mas no fundo é bom, pensava Digna. (...) Só se atrevia a bater nela bêbado e só se Pradelio, o filho mais velho, não estivesse por perto, porque, diante do menino, Hipólito não lhe levantava a mão. Gozava de maior liberdade que outras mulheres, visitava as comadres sem pedir licença, podia assistir aos serviços da Verdadeira Igreja Evangélica e criava seus filhos conforme sua moral. Estava acostumada a tomar decisões e somente no inverno, quando ele regressava ao lar, ela inclinava a cabeça, baixava a voz e o consultava antes de agir, por respeito. (ALLENDE, 2019, p 21)

Julieta Kirkwood afirma que uma das grandes causas que impediram a propagação de uma ideologia feminista é o fato de muitas mulheres não reconhecerem as suas demandas e, dessa forma, elas se mantêm alheias ao debate feminista. Como a autora comenta:

As próprias mulheres nem sempre se visualizaram como objetos de uma discriminação específica; não se postulando, por tanto, como sujeitos reivindicando sua própria opressão, e sim aceitando, bem ou

mal, a ideia cultural predominante sobre a contradição secundária do feminino. (KIRKWOOD, 2019, p.24, tradução nossa)<sup>22</sup>

Kirkwood menciona como as mulheres passaram muito tempo sem reconhecer os problemas em suas vidas como uma questão política, porque havia uma crença de que certos problemas enfrentados pelas mulheres seriam questões pessoais e não deveriam ser tratadas ou reconhecidas como algo que fosse interpretado através de um viés político. A ausência de um questionamento sobre os problemas que afligem as mulheres faz com que seja impossível tratar desses problemas de uma maneira menos pessoal e mais sistêmica.

Podemos afirmar a personagem Digna pensa em certas questões presentes em sua vida de forma a interpretá-las como dilemas pessoais seus, e mesmo reconhecendo características machistas no cenário no qual se encontra (o machismo dos maridos de suas comadres, ao não as deixar livres para visitar quem quisessem, ou a violência doméstica que ela mesma já sofreu) a personagem não consegue entender essas demandas como algo que deveria ser diferente ou como uma forma de discriminação às mulheres. Além disso, é importante dizer que no meio no qual Digna está inserida é comum que as mulheres sofram abusos, tanto que ela se considera uma mulher de sorte. Ela mede a sua liberdade através de comparações com o que ela já conhece, a vida de outras mulheres de Los Riscos, e não com base em princípios que para ela parecem muito mais abstratos e distantes.

As questões feministas relacionadas à personagem de Digna não são diretamente relacionadas com o regime ditatorial, uma vez que a ideia de que o não reconhecimento de uma necessidade que é política poderia ocorrer em qualquer circunstância. A personagem de Digna nunca se refere diretamente ao regime. Porém isso faz parte do retrato que a autora faz de Digna como uma personagem que não se queixa e que acredita ter tido sorte em certos sentidos. Mas há certos indícios de manifestações de opinião da personagem de Digna a respeito do regime. Podemos lembrar por exemplo do momento em que Digna menciona a má sorte dos Flores, que eram membros do sindicato, e acabam

---

<sup>22</sup> No original: "Las propias mujeres no siempre se visualizaron a si mismas como objetos de una discriminación específica; no postulándose, por lo tanto, como sujetos reivindicando su propia opresión, sino aceptando, bien o mal, la idea cultural predominante sobre la contradicción secundaria de lo femenino." (KIRKWOOD, 2019, p.24)

mortos pelos militares, e também quando ela afirma que a reforma agrária ia acabar mal. Além disso, Digna acaba lidando com o sistema mais tarde, quando perde o filho e a filha adotiva. Isso faz com que seja possível interpretar a falta de posicionamento de Digna com relação ao feminismo como mais uma prova da influência da ditadura na vida dela, já que estas questões estão interligadas sendo que a causa feminista é uma demanda progressista, e Digna não tinha este perfil. Por mais que ela afirmasse gozar de mais liberdade do que as vizinhas, ela também era oprimida pelo meio em que vivia.

## 6. Conclusão

Vimos anteriormente que a ditadura chilena impôs um regime sob o qual os cidadãos do país que se opunham à falta da democracia se tornavam inimigos do Estado. Esta situação se estabeleceu com o bombardeio do La Moneda e a morte de Salvador Allende. Com isso, ocorreu também a separação entre público e privado, dentro e fora, e os cidadãos não estavam mais seguros nas ruas. Foi durante este período que o neoliberalismo se impôs no Chile, distraindo os seus cidadãos com o consumismo. Percebemos também uma necessidade dos escritores dos anos 70-90 de relatar o ocorrido, e a literatura latino-americana estava sob os holofotes na época. Com relação à literatura feminina, percebemos que demorou muito para que as mulheres se consolidassem na escrita.

Em se tratando do papel da mulher, na época da ditadura chilena, a ideia que o Estado ditatorial propagava estava ligada ao papel de mãe e gerente do lar. O governo fazia uso da sua influência e afirmava através de inúmeros meios tais como a propaganda e órgãos estatais para passar adiante ideais machistas, antidemocráticos e conservadores. Enquanto isso, apesar de haver um reconhecimento de que era necessário apontar as demandas políticas das mulheres, a oposição não tinha muita abertura para assumir a causa feminista, que estava pouco visibilizada por conta de uma força maior que se apresentava que era a luta em prol da democracia, além do fato de que o feminismo estava limitado à ação de ONGs e estudos universitários.

Logo adiante ocorre o período de transição à democracia, na mesma época em que Isabel Allende escreve *De amor y de sombra*. Quando Isabel Allende surge na cena literária latino-americana, ela consegue algo inusitado: ocupar um papel de destaque como escritora mulher na literatura latino-americana.

Allende, que afirma sempre ter sido feminista, tem sua obra composta por personagens que, de uma forma ou de outra, representam certas questões relacionadas ao feminismo durante os anos de ditadura no Chile. Para demonstrar isso, fizemos uso da obra de Julieta Kirkwood. A partir dessa análise, foi possível perceber a presença de diversas questões levantadas por Kirkwood na construção das personagens de Allende.

A personagem principal Irene vivia uma realidade alheia às sombras que estavam presentes no seu mundo e ela nem sabia, uma jovem oriunda de classe alta que sempre fez tudo o que quis. Apesar de ter um estilo peculiar para uma jovem de classe alta e ter amigas que não eram bem-vistas por sua mãe, Irene ainda sim não tinha conhecimento dos perigos presentes em seu entorno.

Sobre as questões feministas representadas através de Irene, podemos dizer que esta personagem, mesmo tida como rebelde e peculiar, e mesmo tendo tendências progressistas, por ser uma jovem que trabalha, que convive com quem bem entende, e de atitude, ainda está inserida em um mundo conservador onde suas ações como mulher são de certa forma limitadas. Ela trabalha, é jornalista, mas só lida com questões que pertenceriam ao universo feminino. Podemos afirmar então que ela está inserida no meio que lhe foi possível estar durante os anos de regime ditatorial onde as mulheres tinham menos possibilidades.

Sua mãe Beatriz também vive suas próprias limitações. Mulher de classe alta, que sempre teve sua ideologia bem clara e sempre foi um produto do sistema em que estava inserida. Beatriz sempre se opôs a certas atitudes da filha, que não combinavam com o seu status social. Ela vive em extrema negação, inclusive não sendo capaz de reconhecer quando o mundo das sombras aflige o seu lar. Esta personagem segue reproduzindo discursos reacionários e elitistas durante toda a narrativa, o que demonstra que ela é mais uma das inúmeras mulheres que sofreram um contragolpe ideológico do governo que impunha o conservadorismo às mulheres da época através de discursos e propaganda ditatorial.

Hilda tem uma história diferente, está inserida em um meio de esquerda, casada com um militante progressista. Ela é a única mulher da família, vive em ondas de esquecimento, ou mesmo negação, como suspeita o Professor Leal. Ela tem uma vida familiar tranquila, sempre apoiou muito o marido e os dois juntos viveram inúmeras empreitadas ao longo dos anos de união. Porém, Hilda não tem iniciativas próprias de militância como mulher, apesar de o seu lar ser um ambiente onde há debates explícitos acerca de questões como a volta da democracia e o marxismo. Hilda está sempre imersa nessa onda política na qual está inserido o seu marido, e ela mesma não percebe nenhuma demanda

própria. Isso demonstra como as mulheres da época acabaram por escolher lutar ao lado dos maridos e entes queridos e em prol da volta da democracia e não trazer à tona uma militância feminista.

Nisso Hilda é semelhante à Digna, uma personagem que não apresenta queixas sobre sua vida e não vê motivos para estar insatisfeita. A personagem vive um dia a dia intenso, com muito trabalho, mas se sente satisfeita a respeito de muitas coisas em sua vida. Tem um marido artista, que permite que ela tenha mais liberdade e criou os filhos como achou melhor. Porém, Digna sofre muito ao longo da trama, em parte por conta do regime militar, mas há questões que, apesar de pessoais, se tornam políticas, e que ela não reconhece. Além disso, apesar de haver questões a serem levantadas sobre sua vida pessoal que trariam à tona um debate feminista, e mesmo tendo sofrido diretamente com o regime militar, Digna mantém uma postura de omissão quando se trata de assuntos políticos. Tanto ela como inúmeras mulheres da época, que não conseguiam perceber certas atitudes como problemas políticos e questões feministas.

Através da leitura deste livro, e dos textos aqui mencionados, percebemos que as personagens Irene, Beatriz, Hilda e Digna ilustram discussões acerca do papel da mulher e do feminismo na época da ditadura chilena. O feminismo chileno apresenta questões acerca da inserção da mulher em um ambiente machista, que seria uma falsa inserção porque seria necessário mudar os parâmetros vigentes, gerando algo novo de forma que se possa incluir a mulher de maneira justa em um meio igualitário. Também tratamos da propaganda e dos ideais reacionários propagados pelas instituições estatais e a Igreja, na época ditatorial, e como elas influenciaram as mulheres, principalmente as de classe alta durante a ditadura. Tratamos da falta de demanda com relação às questões específicas das mulheres em contraponto com uma militância mais universal. E mencionamos a ausência de problematizações da parte da mulher a respeito de certas questões pessoais que podem ser interpretadas como assuntos políticos, e uma suposta sensação de que tudo está bem quando na verdade há demandas a serem apontadas.

Podemos concluir, portanto, que a obra *De amor y de sombra*, de Isabel Allende, é marcada por certas questões feministas a partir da análise das

personagens mais marcantes do romance. E estas questões estão de acordo com ideias a respeito das limitações da luta feminista da época, assim como marcam uma relação entre o feminismo e os 17 anos da ditadura chilena.

## Referências

ALLENDE, Isabel. *De amor e de sombra*. Tradução de Suely Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

ALLENDE, Isabel. *De amor y de sombra*. Buenos Aires: Debolsillo, 2013.

ALLENDE, Isabel. *Mujeres del alma mía*. Buenos Aires: Debolsillo, 2022.

BREZOVÁKOVÁ, Monika. *El tema de la dictadura en la obra de Isabel Allende*. Echo des études romanes, 2020.

BRAVO, Beatriz de Souza. *Los 80: a condição feminina durante a ditadura militar chilena*. Anais do XIII Encontro Estadual de História, 2020.

CAMPOS, Rene A. *El orden desenmascarado: De amor y de sombra de Isabel Allende*. Revista de literatura hispánica, 1989.

CASALS, Marcelo. *O novo Chile: Como a esquerda e seus ex-líderes estudantis chegaram lá*. Revista Piauí, 2022.

ELTIT, Diamela. *Las dos caras de la moneda*. Revista Nueva Sociedad, 1997.

JANZ WOITOWICZ, Karina; PEDRO, Joana Maria. *O Movimento Feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo*. Espaço Plural, 2009.

KIRKWOOD, Julieta. *Escritos feministas: la vigencia del pensamiento de Julieta Kirwood en el Chile actual*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria; FLACSO, 2019.

MEMORIA Chilena. *Isabel Allende*. Biblioteca Nacional de Chile.

RICHARD, Nelly. *La problemática del feminismo en los años de la transición en Chile*. Clacso, 2001

ROSSI, Cristiane Aparecida da Rosa. *A personagem feminina em de De amor y de sombra: uma reflexão sobre a nova mulher*. Caderno Espaço Feminino, 2015.

SALONEN, Mikaela Johansson. *La representación de la represión bajo la dictadura de Pinochet en De Amor y de Sombra, de Isabel Allende*. Romanska och klassiska institutionen, 2015.